

A crítica  
21/12/97 A5  
204

# Árvore de Natal encanta pajé apurinã

José Leôncio viu pela primeira vez uma árvore de Natal esta semana. Espantado, quis saber como se fazia para "plantar uma árvore com luz"

Ana Celia Ossame

Nos seus 62 anos de vida, o pajé apurinã José Leôncio nunca tinha visto uma "árvore cheia de luzes", maneira como descreveu a árvore de Natal. Conhecedor de muitos nomes de plantas usadas para curar os índios na aldeia onde mora, Leôncio não escondeu a emoção ao chegar perto de uma. Silencioso e com reverência, tocou nas folhas, enfeites e com timidez perguntou: "Como é que se planta uma árvore com luz?"

Para José Leôncio, que na sua maloca conhece uma árvore pintada que vira mapinguari - gigante lendário semelhante ao homem, porém coberto de pêlos - e perde de vista uma das maiores árvores da floresta, a samaumeira, a "árvore com luz" foi motivo de grande encantamento.

Na segunda visita a Manaus - a primeira foi durante a exposição Memórias da Amazônia, da Universidade do Amazonas, em junho passado - o pajé diz estar ansioso para chegar em casa e contar as novidades da cidade grande.

Vivendo na aldeia Comapá, situada no quilômetro 124 da estrada do município de Boca do Acre, a 950 quilômetros de Manaus, cuja viagem dura sete dias, Leôncio olhou cuidadoso para a grande árvore colocada no Amazonas Shopping e perdeu a timidez. Pegou nas folhas e bolas coloridas querendo saber como se fazia uma igual. "Os brancos têm muitas luzes", disse.

Ao voltar para a aldeia, levará duas notícias, uma ruim e outra boa. A ruim é que na sua bagagem voltam todas as peças de artesanato produzidas pelos seus "parentes" que não conseguiu vender no Museu Amazônico. Com isso, não pôde arranjar dinheiro para comprar um gerador, equipamento que se faz necessário para que os índios produzam farinha de banana e não percam a produção de mais de 25 mil pés.

A boa notícia é um exemplar da "árvore que tem luz" que José Leôncio levará. "Quero mostrar o que os brancos fazem", disse. Enquanto ouvia explicações sobre a árvore de Natal, ele não conseguia esconder a admiração. Tocava nas bolas como se procurasse descobrir semelhanças com alguma coisa que conhecesse. "Nunca vi nada igual", confessava.

Na aldeia, onde é respeitado pelos conhecimentos da floresta, vai contar para os seus parentes que na cidade grande há muita luz, algumas das quais se pode ver de perto e até pegar com as mãos, como as dos pisca-piscas. Estas são as únicas que, segundo o pajé, têm semelhanças com as estrelas do céu da aldeia Comapá.



O pajé José Leôncio não se cansava de admirar a beleza das luzes e enfeites da árvore de Natal

## Leôncio se diz 'cego' por não saber ler

O pajé José Leôncio define-se como "cego" por não saber ler. Ele não fala muito bem o português e lembra-se da dificuldade que passou para aprendê-lo. Quando era menino, foi levado para a floresta por um homem da Fundação Nacional do Índio (Funai). "Quando estava fome pedia comida na minha língua, mas o homem dizia que só dava quando eu falasse na língua do branco", contou o pajé. Resultado: Depois de passar muita fome aprendeu algumas palavras e hoje já consegue se comunicar com os brancos.

Pai de oito filhos, dos quais alguns são cantores, o pajé só conhece a festa de xingané, quando comemoram a produção. São duas ou três noites de danças, quando tomam a caçuma, bebida feita de macaxeira, banana, milho e pupunha.

Os apurinã não têm as religiões dos brancos, mas o deus "sura" é parecido com os dos padres, diz o pajé. "Nós não mentimos porque

## José Leôncio só aprendeu a falar português porque foi levado da floresta por "um homem da Funai"

'sura' fica zangado e tudo o que vamos fazer temos que pedir a ele", observa.

José Leôncio, cujo nome na língua apurinã é Ariúka, que quer dizer rápido como relâmpago, tinha planos para trazer sua família para também ver a "árvore que tem luz". Mas ficou triste ao saber que se quiser usar os barcos de linha terá que se apressar porque só a viagem de ida demora uma semana, andando de barco e ônibus.

Na aldeia Comapá moram 190 adultos, além de crianças. Estes foram incentivados, segundo o pajé José Leôncio, a deixar a floresta para fazer plantações na estrada de Boca do Acre e criar animais.

A troca não tem sido boa. "Os parentes que ficaram na mata estão melhor que nós porque ainda caçam, pescam e nós temos que comprar sal, querosene e falta dinheiro para isso", explica ele, apontando para a roupa que veste. Os índios da floresta usam apenas tangas.

O índio lamenta ter que se preocupar em comprar roupas e até pregos para pôr na casa da estrada. "Na aldeia antiga nossa maloca era amarrada com cipó e não se tinha que usar prego e nem terçado, que custam caro", queixa-se. Outra preocupação que tem é preservar a língua do povo, as danças e as festas. "Eu ensino os meninos as nossas tradições, ensino os remédios, as músicas".

## Índios apurinãs eram agressivos

Os índios apurinã de hoje são pacíficos, diferentes de seus antepassados agressivos, descritos por Serafim Salgado, num primeiro contato, como "guerreiros, antropófagos e perseguidores", em 1852. Essas informações são dadas no livro "Cuxiara - O Purus dos Índigenas", publicado pelo indigenista Guinter Kroemer, autor de pesquisas sobre várias tribos daquela área.

De acordo com o estudioso, já em 1865 as notícias dadas pelos navegadores davam conta de que os apurinã eram guerreiros e viviam constantemente em conflito, inclusive na sua própria tribo. Eles usavam o curabé, uma flexa sem pena, com ponteira envenenada, toda rachada para entrar no corpo. O veneno era composto

de suco de açacu e de outros ingredientes. Costumavam matar traiçoeiramente para roubar e eram canibais, comiam os mortos. Além de caçar e pescar, eles também cultivavam a terra.

Os apurinã acreditavam num ser supremo, que chamavam de carimade ou jurumade. Eles eram numerosos e viviam em diferentes tribos espalhadas pelo rio Purus e seus afluentes. Eram seis a oito famílias vivendo em duas cabanas grandes. Calcula-se hoje que a população total dos apurinã chegue hoje a 1.500 pessoas, espalhadas pelos municípios de Lábrea, Pauini, Tapauá e Boca do Acre. As aldeias não têm contato, entre si e algumas ficam na floresta, longe do contato com o homem branco.

## Símbolo é contado em lendas

A origem da árvore de Natal é contada através de lendas que remontam o século XV e que vêm da Alemanha. A primeira delas diz que houve um tempo em que as pessoas acreditavam que as árvores possuíam alma e que com a chegada do outono, quando as folhas caíam, o espírito-árvore ia embora. Com medo, resolveram recriar a primavera, pois acreditavam que se nada fosse feito as árvores nunca mais produziriam folhas, flores e frutos.

Para encorajar os espíritos a voltar, as árvores eram enfeitadas com pedrinhas pintadas e tecidos coloridos. Isso acontecia no período do inverno. Quando chegava a primavera, as árvores produziam novamente folhas, flores e frutos e todos ficavam maravilhados.

Foram os alemães que iniciaram o costume de cortar uma pequena árvore e trazê-la para dentro de casa, enfeitando-a com contos de vidro, pães e folhas. No final do reinado da rainha Vitória, na Europa, as velas eram colocadas com o significado da presença de Jesus Cristo como a "Luz do Mundo" e o costume se disseminou por todo o mundo ocidental.

As árvores usadas eram 'sem-

pre-vivas' - consideradas especiais pelo significado do nome -, o alecrim, o visgo, o azedinho e o pinheiro, plantas do hemisfério Norte porque permanecem verdes durante o mês de dezembro, quando é inverno.

Outra lenda conta que o tradicional pinheiro alemão, símbolo das árvores de Natal, foi idealizado por Martinho Lutero, o fundador da igreja protestante. Ao passar à noite numa floresta, Lutero ficou fascinado com o brilho das estrelas resplandescentes entre os ramos das árvores. Encantado, resolveu reproduzir o que viu para mostrar às crianças, o céu estrelado de onde teria vindo Jesus Cristo para salvar o mundo, numa simbologia de continuidade de vida. Lutero mandou cortar um pinheiro e o enfeitou com velas acesas no Natal de 1525, iniciando-se aí a tradição.

Atualmente, as árvores de Natal são cada ornamentadas com diferentes tipos de enfeites, que vão desde os bonequinhos de Papai Noel, bolas de vidro coloridas, arranjos de flores e tecidos até os pisca-piscas, que são as pequenas lâmpadas que acendem e apagam, dando um colorido todo especial à árvore.

## Vários povos comemoram a data

A época em que se comemora o Natal é especial para muitos povos. Na antiguidade, os festivais que existiam era pagãos, onde havia muita orgia e prostituição, sendo os mais famosos as "Saturnálias dos Romanos". Estes duravam sete dias e eram realizados no inverno, em louvor a Saturno, o deus da agricultura. Nesse período havia celebrações de solstício de inverno em todo o hemisfério norte. Os povos, em tempos de rigoroso inverno, louvavam o Sol comendo e bebendo, pedindo o seu breve retorno para a agricultura.

Na Pérsia, antes de Cristo, havia nesse período do ano o sacrifício do boi e o culto de Mithras, pois acredi-

tavam que ele havia nascido em 25 de dezembro de uma mãe virgem, numa caverna. Como Cristo, Mithras teve 12 companheiros e de igual modo morreu e teria renascido. Ele e outros deuses são associados à adoração ao Sol.

Os judeus têm a festa do Hanukkah, celebrada em dezembro, quando se trocam presentes e também é considerada a "festa da luz", simbolizada pelo candelabro de oito ramos.

A Igreja Cristã apossou-se da data para celebrar o nascimento de Jesus Cristo, apesar da resistência dos pagãos, popularizando a missa de Natal, cujo significado em inglês é Christmas, fato que permanece hoje nos países do Ocidente.